

A minha vida como Radioamador.

O meu primeiro contato com o mundo maravilhoso da eletrônica se deu quando menino coloquei no ouvido um par de fones de um rádio galena, construído pelo meu irmão, Rubens. O aparelho construído artesanalmente constava de uma caixa de madeira de forma trapezoidal, com painel superior de material isolante (ebonite preta, obtida pela vulcanização da borracha com enxofre), tendo no interior uma bobina, normalmente construída num recipiente cilíndrico, originalmente embalagem de talco, onde um grande número de espiras de fio recoberto de algodão era dimensionado para as faixas de estações de AM, ligada a um capacitor (chamado na época de condensador) com muitas placas e a um estojo metálico, em forma de anel, contendo um pequeno cilindro de chumbo com cristais de galena (sulfeto de chumbo -PbS).

A estação era detectada colocando-se um pedaço de arame de aço flexível, de forma espiralada, denominado de “bigode de gato”, sobre o cristal, ligado ao conjunto estabelecendo o contato. A melhor posição de recepção era obtida depois de muitas tentativas. Tudo isso era ligado a uma antena alta, bem isolada e longa e a um cano de água de ferro enterrado (fio terra). A escuta era feita com fones duplos ou auriculares. Ouvíamos com “bom volume” a PRB-2, primeira estação do Paraná, localizada no Alto do São Francisco, portanto a menos de três quadras da casa de meus pais. Com dificuldade e em casos especiais, excepcionais de propagação, estações de fora de Curitiba eram recebidas, o que era motivo de comentários por longo tempo... Curiosa era a forma da confecção da bobina. O fio era firmemente esticado, preso numa extremidade na maçaneta de uma porta, quando eram retiradas as curvaturas e ondulações do fio, pela passagem repetida de um pedaço de pano e em seguida o tubo de papelão ia sendo girado, formando as espiras bem unidas e ajustadas, e em muitas vezes, em mais de uma camada. Triste era o momento em que o tubo escapava da mão... Terminava a confecção passando-se uma camada de verniz de laca “Asa de barata”.

Como tudo começou...Uma noite, nos idos de 1946, fomos visitar Herbert Ruehler- PY-5-CF, amigo de meu irmão, que residia na rua Lutero, nº 5, rua essa que termina numa das entradas laterais do Cemitério Protestante em Curitiba.

Percebendo o nosso entusiasmo e nós maravilhados com a sua estação, que tinha as dimensões de um guarda-louça, cheio de instrumentos, ronco dos transformadores, luzes piscando e válvulas acesas, verdadeira parafernália, ele rapidamente esboçou um esquema numa folha de papel, de um transmissor com uma válvula 6L6, modulada por outra, através de choque de Heinsing. A válvula 6L6, denominada pelos radioamadores de Gilda, “a mulher de verdade”, era a mais conhecida de todas e de todos e aparecia sempre nos transmissores, pela sua versatilidade e potência desenvolvida. Esse esquema, por muito tempo, foi compulsado exaustivamente e com carinho.

O QSL (rádio-cartão), do PY5CF, como referência curiosa, era impresso numa folha de madeira laminada, tendo centralizado o distintivo da LABRE, em amarelo, com dizeres alusivos em preto. O rádio-cartão ou QSL, como é conhecido, é o documento oficial usado por todos os radioamadores do mundo, para confirmar o primeiro comunicado realizado, sendo de obrigação o envio. Tem a forma e tamanho de um cartão postal, impresso com desenhos diversos, com o indicativo de chamada do titular em destaque, o seu endereço, o prefixo da estação contatada e informações sobre as condições de recepção, data e hora, normalmente em código. É completado com as características do aparelho receptor (RCVR) e transmissor (XMTR) do rádio-amador.

De posse do esquema, fomos adquirindo na Casa de Eletricidade “Eli”, na rua XV de novembro, próxima à sede antiga do Clube Curitibano, “os condensadores, fixos e as resistências”, como eram conhecidos na época e mais tarde “capacitores e resistores”, soquetes de válvula, as válvulas, dentre elas a 6SJ7, pré-amplificadora, a 6N7, duplo triodo amplificador,

a 6V6, amplificadora, transformador de 110 volts no primário e 350 volts no secundário, o caríssimo e indispensável miliamperímetro de 0 a 100 mA, fio esmaltado, solda, breu, pasta para soldagem, bornes, olhos de boi coloridos, chaves, diais e mais um mundo de coisas. Seguiu-se a colocação do rádio noveleiro, em forma de capela, à disposição para servir de escuta na faixa de 80 metros (3,5 a 4 MHz, na época megacíclos). O de meu uso para comunicados era um GE (General Electric) com três faixas ampliadas de 550 KHz a 25 MHz. O material para transmissão era escasso, importado, difícil de obter e relativamente caro, especialmente pela dificuldade financeira de um jovem estudante e exigia muito de criatividade. Eram poucas as casas que vendiam esse tipo de material, pouco abundante, em virtude do recente término da 2ª Guerra Mundial. Geralmente era todo oriundo dos Estados Unidos e alguns foram utilizados nos equipamentos de guerra e considerados de uso estratégico.

A bobina de saída, feita com tubo de fenolite (resina), papelão resistente quando possível ou quando sobravam recursos financeiros, de porcelana com ranhuras, era enleado com fio esmaltado número 14 ou 12, com o número certo e ajustado de espiras para a faixa e frequência desejadas. O cristal de transmissão era fabricado nos Estados Unidos, marca Bliley, e posteriormente no Brasil pela RCB-Rádio Cristais do Brasil e nos propiciava a frequência fixa de operação. Sabia-se que os cristais de rocha eram exportados para aquele país e devolvidos, devidamente laminados e nas frequências de operação de broadcastings (faixa de estações de rádio), transmissores para as Forças Armadas, Polícia, etc. Tudo era precário e artesanal. O chassi, uma ou mais bandejas, de ferro pintado ou de alumínio, formando um “rack”, verdadeiro guarda-comida, era confeccionado numa funilaria localizada na última quadra da Rua São Francisco e os furos para os soquetes das válvulas, obtidos por percussão com um instrumento redondo de aço no diâmetro justo do soquete da válvula. O “condensador” (capacitor) variável, obtido de um anteriormente usado em rádio receptor, e adquirido em desmanches nas oficinas de rádio, dele eram retiradas diversas placas, obtendo-se a capacitância aproximadamente da desejada e o espaço de isolamento –“air gape”, suficiente entre elas; o ajuste final era procedido na bobina de saída, aumentando ou diminuindo o número de espiras, ou mesmo o afastamento entre elas. O aro de Hertz, formado por uma lâmpada de 1,5 volts ligada a um aro constituído de uma ou duas espiras de fio metálico, fechadas ligando os dois contactos da lâmpada e colocado nas proximidades da bobina de saída, indicava a sintonia, observando a luminosidade da lâmpada. Era comum aproximar do transmissor uma lâmpada fluorescente que acendia na presença da rádiofrequência, até em distância razoável, deixando os pouco entendidos em eletrônica, boquiabertos, com a mágica...

Os “The radio amateur’s handbook” (Manual do rádio-amador) publicados anualmente pela ARRL (American Radio Relay League) dos Estados Unidos, raros e caros, adquiridos na Livraria Universitária da Rua Presidente Faria nº 191, eram peças indispensáveis e importantes na verificação das características das válvulas, na apresentação de esquemas exaustivamente compulsados, serviam muitas vezes para os empréstimos entre colegas e para extasiarmos olhando nas últimas páginas as propagandas de receptores e transmissores das firmas norte-americanas: da Hallicrafters, especialmente o SX-28- A, o “Super Skyrider”, da Hammarlund, o HQ-129-X, da Collins, da National, além dos componentes das mais variadas marcas, a propaganda de válvulas de potência, especialmente as “Raytheon”, “Sylvania” e “RCA”, tudo nos encantava, aguardando a possibilidade de um dia poder adquiri-los...

O início da faixa de 80 metros, destinado à operação em telegrafia (CW -continuous wave), permitia que o restante fosse utilizado para os contatos em fonia.

Evidentemente, como era de praxe e a ansiedade da juventude, colocamos a estação no ar, de forma clandestina, experimentando-a, falando através de um microfone “Cacique” fabricado em São Paulo. Nessa época eu trabalhava no USIS (United States Information Service- Serviço cultural e Informativo dos EE.UU) instalado no 7º andar do Edifício Garcêz,

junto à Sociedade Interamericana, o “Interamericano”) e de lá trouxe emprestado por algum tempo e para experiência, um microfone a cristal D-104, mais sofisticado, melhorando o desempenho da transmissão de voz.

Em 1946, (estava com 17 anos), portador do Certificado de Alistamento Militar e de demais documentos exigidos, encaminhei à LABRE (Liga de Amadores Brasileiros de Rádio Emissão), com sede no Rio de Janeiro, a solicitação de Licença para operar estação de rádio-amador. Consta que fui, na ocasião, o candidato mais jovem do Brasil, pois o radioamadorismo encontrava-se em recesso, com proibição de transmissão, durante a 2ª Guerra Mundial, por razões de segurança nacional e recentemente os radioamadores tinham sido novamente autorizados a utilizarem os seus transmissores. Lembro que o Herbert Ruehler e outros mais antigos, tiveram anteriormente seu equipamento transmissor lacrado pelos órgãos de fiscalização e segurança.

Em maio de 1947, o QTC falado da PY-1-AA da Labre, estação chave no Rio de Janeiro, deu conhecimento da concessão da Permissão Provisória de Radioamador, concedida pelo Ministério da Viação e Obras Públicas- Departamento dos Correios e Telégrafos, com o prefixo PY-5-DO, na classe “C”, com o endereço de instalação na Rua Presidente Carlos Cavalcanti, 954, em Curitiba. Somente vim a saber alguns dias depois, pois naquela noite eu me encontrava assistindo aula no 2º ano colegial-científico (atual Ensino Médio) no Colégio Estadual do Paraná, localizado na rua Ébano Pereira, 240. Logo coloquei a estação no ar e após um chamado geral, fui atendido, às 21:45h, do dia 24 de maio de 1947, pelo PY-5-DG -Luciano Botelho de Souza- médico, proprietário de casa de comércio de material elétrico na Rua Barão do Rio Branco e que assim me apadrinhou na RNR (Rede Nacional de Radioamadores). Na oportunidade ele relembrou que fora aluno do papai no Ginásio Paranaense, tendo também recebido recentemente o prefixo, sendo aquele pois o seu 157º QSO. Em 17 de abril de 1947 eu tinha sido admitido como sócio da LABRE, recebendo o número 3.947 e o respectivo Diploma, Distintivo e Carteira de identidade. Posteriormente em 11 de maio de 1966 tornei-me SÓCIO REMIDO.

Seguiram-se centenas ou milhares de QSO's (comunicados) com as mais diversas estações do Paraná e dos Estados vizinhos e excepcionalmente com os colegas nordestinos. Em 4 de janeiro de 1949, fiz o meu primeiro comunicado à distância, com estações estrangeiras, quando estabeleci contato na faixa de 20 metros (14MHz) com a Argentina (LU-5-FJ). A faixa de 15 metros (21MHz) fora recentemente aberta e ainda a sua propagação era pouco conhecida. Fui o 2º rádio-amador do Paraná a vasculhar essa faixa, tendo o Osticlínio Ferreira da Silva, PY-5-CG- sido o primeiro. Obtinha-se a frequência de 21 Megahertz, triplicando a frequência de 7 MHz, com cristais produzidos pelo Osticlínio que habilidosamente os produzia. É preciso elucidar que cada país adota uma ou mais de uma letra para os indicativos de chamada, à semelhança do usado pelas estações de “broadcasting”. Assim, para o Brasil o prefixo na época era formado pelas letras P e Y, seguidas do número da região militar, no caso -5- e de duas ou mais letras para cada radioamador. O Chile adota CE, a Argentina LU, o Paraguai ZP, os Estados Unidos W e K, a França, F, a Alemanha D, etc. As frequências permitidas para utilização são fixadas por convenções internacionais. As faixas mais utilizadas na época, eram: 80 metros (3,5 MHz), 40 (7 MHz), 20 (14MHz), 15 (21 MHz) e 10 (28 MHz).

Encomendei, pela Sociedade Interamericana de Importações Ltda, dirigida pelo Secretário do Interamericano, John Hutckins e pelo Olavo Romanus, a importação de três rádio-transmissores de 45 watts, da WRL (World Radio Laboratories) de Council Bluffs, nos EE.UU, ao preço unitário de US\$ 234,88. Um seria para mim, o outro para o meu irmão Rubens que já fora prefixado- PY-5-DS e o terceiro para venda. O processo de importação foi demorado e depois de muitos meses de espera ansiosa, pela via marítima (Norton Lines), recebemos os transmissores, cujo volume atingiu 114 quilos. O terceiro equipamento foi adquirido pelo PY-5-

DW- José Admar Procopiack. Refiro que o Hutckins era aficionado no radioamadorismo, tinha um equipamento americano de alta potência, (Hallicrafters HT-9) e receptor SX-28 A-(Super Sky Rider) e residia na casa anteriormente ocupada pelo Rolf Gugish, (PY-5-AL), na avenida Visconde de Guarapuava, onde na garagem, instalara o seu shack. Tínhamos muita amizade e freqüentemente eu operava essa estação que era, pela potência, uma verdadeira pata de elefante (poderosa). Certa ocasião, quando o Hutckins ainda residia no 8º andar do Edifício Garcêz, ao chegarmos ao apartamento, vislumbrei o filho dele, menor de idade, debruçado na janela, com parte do corpo no peitoril. A queda era eminente... Corri e consegui puxá-lo para dentro evitando assim a queda. Depois que o Hutckins voltou para os Estados Unidos, foi prefixado com o indicativo W3-OBD e ele dizia “W-three Old Bad Dogs” (“três velhos e maus cachorros”) na transmissão; foi também professor da Academia Naval de Anápolis e comentarista da Rádio “A Voz da América” e eu soube posteriormente que o filho seguira a carreira militar na marinha norte-americana.

O transmissor adquirido nessa ocasião era constituído de uma válvula 807 na saída de rádio frequência (também muito versátil e que admitia maior voltagem na placa, em comparação com a 6L6), modulado por choque de Heinsing, por um paralelo 6L6, com 350 volts retificados e 90 miliampères, além de outras válvulas nas etapas intermediárias e bobinas intercambiáveis em função da faixa de transmissão, selecionada por uma chave de onda. Tudo dentro de um rack (caixa) metálico, de cor preta.

A antena, colocada na cumeeira da casa até o fundo do quintal, relativamente horizontal, era do tipo Zepelin, ½ onda, cujos alimentadores duplos, eram separados por “feeders” (separadores) construídos artesanalmente com um pedaço roliço de madeira de mais ou menos 15 centímetros de comprimento tendo nas extremidades isoladores de porcelana presos por parafusos, cujo espaço entre os isoladores mantinha a separação e o devido isolamento entre os alimentadores. Era o que existia na época; somente muitos anos depois, apareceram para venda em Curitiba, os separadores de resina isolante plástica.

Em 1949 requeri exame para passar da Classe C para a classe A, que permitia a transmissão em todas as faixas e frequências determinadas pela legislação internacional. Esse exame foi realizado na sede dos Correios e Telégrafos de Curitiba, na rua XV de novembro, constando de uma redação e de perguntas sobre eletricidade e eletrônica. Tendo sido aprovado, em 24 de agosto desse ano, recebi a Licença para Estabelecimento de Estação Radioelétrica de Amador, classe “A”.

Ainda, em 1949, obtive permissão para instalação e funcionamento de estação rádio emissora-receptora móvel, com operação nas frequências permitidas acima de 28 MHz (10 metros) a qual foi concedida em 05 de outubro pelo Ministério da Viação. Nessa época a propagação nos 10 metros era precária e tumultuada, ora abrindo, ora fechando bruscamente, em virtude da presença das manchas solares, impedindo ou dificultando o estabelecimento dos contactos havendo muita flutuação na propagação.

No ano de 1951, fui eleito Secretário da Diretoria Estadual do Paraná da LABRE, tendo como Diretor Estadual o PY-5-CG- Osticlinio Ferreira da Silva, oficial da Polícia Militar do Paraná e fabricante de cristais de transmissão como já foi referido. A LABRE –Paraná estava sediada numa casa residencial na esquina das ruas Presidente Carlos Cavalcanti e Almirante Barroso, atualmente sede da Secretaria do Colégio Martinus, onde se encontrava instalada a Secretaria e a estação oficial da nossa 5ª Região, com indicativo PY-5-AA de 1000 Watts (um kilowatt) e o respectivo receptor de comunicação. Dali irradiávamos os denominados QTC's, informando e esclarecendo as dúvidas para toda a Rede do Paraná e Santa Catarina.

Em trágico acidente aviatório, o Diretor Estadual da LABRE, Osticlinio, juntamente com o colega radioamador Giucindo de Castro Correia, -PY-5-BS, pereceram vítimas de acidente aviatório, no dia 13 de janeiro de 1952, quando sobrevoavam com avião Pippier, um

clube de lazer, caindo próximos da piscina, morrendo ambos carbonizados. Fui obrigado, na condição de Secretário, irradiar pela PY-5-AA a toda a Rede Nacional, a notícia do acontecimento. Por um período assumi as funções do Diretor, até ser convocada nova eleição.

No ano de 1953, obtive o Certificado “WAPY” (Worked all PY) número 169, por ter comprovado comunicação bi-lateral com as nove regiões do Brasil (PY1 a PY9). O WAPY era iniciativa da revista “Antena”, especializada em rádio, eletrônica e televisão, de maior circulação no Brasil, com sede no Rio de Janeiro

Em 25 de janeiro de 1954, o Diretor Estadual PY-5-GB, Telange Telon Alves, designou-me Delegado Municipal da LABRE em Rio Negro, cidade onde eu iniciara a minha vida profissional, em 1952, com QTH (endereço) na Avenida Coronel Severiano Maia, 136 em Mafra -Santa Catarina e posteriormente no ano seguinte na rua Coronel Joaquim Sabóia, 286 em Rio Negro. No ano de 1956, fui mantido na função de Delegado Municipal em Rio Negro, conforme ofício do Diretor Estadual, Paulo Wielewski- PY-5-HÁ, eleito em 07 de abril. Estive na função até novembro desse ano, ocasião em que me transferi para Guaira.

Em 1956, convocado pelo Serviço Militar da 5ª Região Militar, como Oficial R/2 Farmacêutico, fui, por indicação do Chefe do Serviço Militar, Coronel Osny Vasconcelos, e determinação do Comando da 5ª Região Militar, escolhido para assumir na 5ª Companhia de Fronteiras, em Guaira, no noroeste paranaense, nas margens do Rio Paraná, local das Sete Quedas. Em consequência transferi a minha permissão para aquela unidade militar, continuando as atividades rádioamadorísticas, tendo por diversas oportunidades atendido o tráfego oficial da Companhia com Curitiba, comunicando-me com a estação do mano Rubens, PY-5-DS que se incumbia de levar as informações para o Quartel da 5ª RM. Atendendo a burocracia militar, quando o transmissor de telegrafia da 5ª Companhia entrava em pane, embora eu soubesse consertar, não tinha permissão, aguardando em consequência o técnico que vinha de Curitiba, algumas semanas depois. Residindo no Hotel de Guaira, instalei a estação e antena num anexo da casa do Capitão Comandante, Hermógenes Azeredo Encarnação. É preciso entender que as condições em Guaira eram precárias; a ligação com Foz do Iguaçu e com Curitiba, somente por via aérea, com os aviões do Correio Aéreo Nacional –CAN- que vinha uma vez por semana, na 4ª feira ou pela companhia Aérea Real-Aerovias, ou Cruzeiro do Sul, com pouso no campo de aviação em pleno centro da cidade. Outra ligação era por via fluvial, pelo barco “Capitão Heitor”, barco de roda, que fazia o trajeto de Guaira a Porto Epitácio, e vice-versa, uma vez por semana, chegando sábado e partindo domingo, levando encomendas das famílias, onde até as frutas eram inexistentes ou difíceis de obtenção local. Em Guaira fui o primeiro radioamador a transmitir, sendo por isso mesmo muito requisitado pelos colegas que desejavam o contato, verdadeira “figurinha”. Foi uma época muito feliz, pois eu em dezembro do ano anterior havia me casado. O Coronel, depois General Plínio Pereira Tourinho, PY-5- posteriormente PY-1-AJN, ao saber de minha ida para Guaira, comentou que seria uma “lua de mel”, o que efetivamente aconteceu. Todas as tardes de quartas-feiras, no recesso do expediente do quartel, íamos visitar os Saltos das Sete Quedas, tomar banho na Prainha do rio Paraná ou deixar os borrifos de água molharem a nossa roupa e corpo, admirando os arcos-íris totalmente circulares que se formavam pela refração da luz e nos quais podíamos entrar, nos cercando. Certa ocasião a Força Aérea Brasileira mandou à Guaira o Tenente aviador Reich, num avião Beechcraft de bequilha de vidro, para localizar um avião que caíra no Mato Grosso. Autorizado pelo meu Comandante, o acompanhei na busca, tendo localizado o avião sinistrado, queimado no meio de um cerrado. No dia posterior os restos mortais dos passageiros foram entregues em Guaira, por via terrestre, para sepultamento

Voltando a Curitiba, depois de dar baixa do Exército, em 1957, instalei a estação na casa da Rua Carlos Cavalcanti, 954. Lembro que os aparelhos receptores mais cobiçados pelos rádioamadores eram o SX-28-A, o “Super Sky Rider” da Hallicrafters e o HQ-129X da

Hamarlund, aparelhos de primeira linha e que estavam longe das nossas posses. Apenas os mais abonados os possuíam, porém não deixávamos de namorá-los... Na transmissão era o HT-4 e o HT-9, também da Hallicrafters e os artesanais (Home made). Durante a estada em Rio Negro e depois em Curitiba, tive oportunidade de montar diversos transmissores, todos com uma 807 na saída por outra na modulação, cujo desempenho era muito elogiado. Lá mantive uma atividade de rádio bastante intensa, pois lecionava no Colégio Presidente Caetano Munhoz da Rocha pela manhã e à noite, tendo a tarde livre. Nessa ocasião conheci no 2º Batalhão Ferroviário, o Capitão Veterinário, posteriormente General Alfredo Damasceno Ferreira Sobrinho –PY-5-CMS, o Capitão José M. de Souza Brasil PY-5-JL e o Sargento Dercílio Flasco de Oliveira, PY-5-FM, além do rádio técnico Waldevino de Castro Mota –PY-5-AZ e o João Julião da Silva PY-5-JU da Coletoria Estadual.

Nos 15 metros eu utilizava uma antena direcional, “home-made” (feita em casa), construída com dois tubos de conduíte, isolados num berço de madeira, com uma bobina e montados numa haste e poste que permitia girá-la, orientando-a no sentido da estação a ser contatada, tudo conectado a cabo coaxial. A minha mulher é que girava o conjunto até eu obter a melhor recepção, acusada no “s-meter” (medidor de intensidade). Era comum, após as 19 horas, as comunicações com os diversos Estados da América do Norte, que se sucediam partindo da costa leste para a oeste. Ao retornar à Curitiba, as atividades educativas e administrativas se atropelavam e o tempo para o radioamadorismo foi ficando limitado, passando depois a findar. Com o advento de equipamentos semi-profissionais sofisticados e prontos, adquiridos especialmente no Paraguai que tiravam a oportunidade da satisfação da montagem, da alegria de receber dos colegas mensagens alentadoras, da experiência de novas alternativas, da pesquisa em livros de eletrônica, como os “Handbooks” (Manuais), nas revistas “Antena”, “Eletrônica Popular” e outras de origem estrangeira, especialmente argentinas, o radioamadorismo foi perdendo as suas características fundamentais, especialmente de precursor da pesquisa na abertura de novas faixas de transmissão e de novos equipamentos. Muitos dos colegas se especializaram nas estações de VHF (Very high frequency), de UHF (Ultra high frequency) e de televisão, oferecendo assim um campo aberto para as estações de AM e FM que se seguiram.

Complementando: no biênio 1973-1974, fui eleito em 25 de maio de 1973, 1º Suplente de Conselheiro da Diretoria Estadual, tendo como Diretor Seccional José César Pimpão Ferreira Alves- PY-5-BUD. Assumi como Diretor Estadual da LABRE, Joaquim Adão Ugo de Lima – PY-5-CJZ que em 06 de julho me convocou para assumir, por 180 dias a função de Conselheiro, em virtude do afastamento temporário, por motivo de saúde, do titular Samuel Moutinho Machado, PY-5-AQR.

Em 28 de setembro de 1980 foi-me conferido pela LABRE -Brasília, o Diploma de reconhecimento pelos relevantes serviços prestados à entidade e ao radioamadorismo, assinado pelo Presidente Remy Flores Toscano, PY-2-VE e pelo Secretário Geral, Francisco José de Queiroz, PY-2-FR.

Atualmente, com os recursos e o rápido avanço da eletrônica, com os telefones celulares e equipamento assemelhado, o mundo passou a ser globalizado. Sentado num banco na praça em Dresden, na Alemanha, comuniquei-me confortavelmente com telefone celular, com a minha filha em Curitiba. Através da Internet tudo fica à disposição, sendo esquecidos os velhos tempos e as dificuldades.

Alguns destaques:

-Como eram feitos os contatos: Atualmente, com o uso dos telefones celulares ou fixos, digitamos ou discamos para um determinado número, correspondente ao assinante, colocando o

respectivo código de acesso quando não da mesma cidade ou país e caso a pessoa chamada esteja em casa ou disponível, nos atenderá. E como seria feito isso na rádio transmissão?

Três eram as possibilidades para o sucesso de um QSO (comunicado) bilateral: 1º- podíamos fazer uma chamada geral, empregando essas palavras em português ou “CQ” (ci quiú) em inglês e caso algum radioamador estivesse na “coruja” e sintonizasse a frequência em que operávamos, nos atenderia, chamando pelo nosso prefixo o que seria o suficiente para estabelecermos um “bate papo”; a 2ª seria chamando um prefixo determinado, no desejo de uma conversa amigável ou técnica o que era feito pelo conhecimento prévio do prefixo a ser chamado, ou às vezes consultando o nosso “Guia do radioamador” brasileiro ou do “Call Book” norte americano, semelhante ao Catálogo telefônico que registra os prefixos, com nome e endereço dos do Brasil ou os do mundo todo, respectivamente; a 3ª forma era aquela em que um radioamador procurava conversar conosco, chamando-nos pelo prefixo e na disponibilidade o atenderíamos desde que evidentemente estivéssemos operando naquela faixa de onda e o escutasse. Nessa modalidade eram comuns as chamadas “Rodadas” (a “Rodadas do Quilo” após o almoço de sábado, a “Rodada Verde e Amarelo”, unindo radioamadores do Brasil, etc.) em que diversas estações se interligavam, seguindo uma ordem de entrada, permitindo que todos tivessem a oportunidade de participar. Muitas vezes essas rodadas se destinavam a resolver problemas urgentes ou de calamidades públicas, o que era feito com o intuito de procurar um determinado radioamador que pudesse estabelecer contato com autoridades, médicos, farmácias, etc. na localidade desejada. Complementando: nos contatos nacionais (QSO) o nosso prefixo era indicado mudando as letras por nome de países, para evitar a confusão de letras com sons parecidos como o B, o P, o D e o V. Desta forma o meu prefixo (PY-5-DO) era PY-5-Dinamarca Oceania e nos contatos internacionais, sempre feitos na língua inglesa o prefixo seria dito como Pi-Uai-Five Denmark- Ocean ou Ohio. O idioma mais corrente e predominante para a conversação era o inglês e muitos eram hábeis também em outras línguas, como o francês, o espanhol e o alemão, dependendo do país contatado.

-A comunicação com o norte e nordeste do Brasil nos 80 metros era quase que impossível durante o dia. Reservávamos as horas da madrugada para obter contato com os colegas nordestinos.

Um dia, consegui falar com Belém, capital do Pará, quando o colega me referiu ser de família tradicional paranaense, ser militar e estar ocupando alto cargo naquele Estado. Perguntando a minha mãe quem poderia ser, retornei, identificando-o como o General Zacarias que exercia o cargo de Governador do Estado do Pará, o que concordou.

-Era comum na década de quarenta, escutar a estação do Rei Faruk I do Egito, antes de ser destronado em 1952, bem como Governadores, políticos, Generais, Ministros da Guerra do Brasil e tantas autoridades. Muitos militares, políticos, profissionais das diversas áreas, eram radio amadores, todos tratados como colegas de rádio, sem distinção de tratamento.

-Uma ligação telefônica para qualquer parte do interior do Estado, levava comumente 48 a 72 horas ou às vezes mais de espera, ao lado do aparelho telefônico. Solicitada a ligação para uma cidade, a telefonista já indicava o período de espera. Familiares se revezavam ao lado do telefone, aguardando a ligação... Ai, o rádio-amador era de enorme utilidade, solicitado normalmente para recados, “torpedos”, encontro de familiares que há longa data não se viam, troca de notícias e a presença fundamental nas calamidades públicas, colaborando com as autoridades.

Na década de quarenta, um colega de Guarapuava, em contato comigo, informou que uma menina naquela cidade fora mordida por um cão, posteriormente considerado com louco.

Era urgente a vacinação. Se fosse pedido auxílio pelo telefone, a espera poderia ser fatal. Pedi-me que procurasse uma forma ágil de levar a vacina até Guarapuava. Imediatamente, lembrei-me do Manuel de Oms (PY-5-EG) que além de radio amador era proprietário da “BOA”-Brasil Organizações Aéreas. Prontamente e com a aquiescência dos familiares da menina, o Manuel adquiriu na Drogeria Minerva, então na Praça Tiradentes, os frascos de vacina anti-rábica e transportou-as de avião até Guarapuava, onde foi ressarcido das despesas, salvando assim uma preciosa vida.

-O equipamento era na ocasião bastante precário. Adquiri-lo era um esforço de vontade e de disponibilidade financeira imensos. Tudo vinha dos Estados Unidos. Uma ocasião importei uma válvula 813, e o respectivo soquete, não encontrado no comércio local nem no de São Paulo. Ao chegar e abrir o pacote, constatei pesaroso que alguém o havia derrubado e como a 813 tem o tope de placa na parte superior, achava-se quebrada e inutilizada.

Foi um desalento...

-O nosso grupo de jovens radioamadores, na faixa dos vinte e tantos anos, era constituído do José Admar Procopiack (PY-5-DW), Swami Soeiro (PY-5-DX), Hélios Sczasko ou Chasko (PY-5-BK), Oreste Galastri (PY-5-EL), Roberto Diniz Satyro (PY-5-BD), Alfredo Farias Filho-PY-5-CC, Arlindo Domingues PY-5DZ e João Edgard Fausto Fauz PY-5-FK, todos dedicados à pesquisa e experimentação eletrônica. Reuníamos constantemente para trocar ou receber novas idéias, trocar enfim “figurinhas” e lógico formar uma rodada de amizade. O Arlindo Domingues era o único perito em telegrafia (CW), os demais eram “papagaios”. O Chasko e o Swami posteriormente aderiram à televisão e foram técnicos de um dos canais locais de televisão.

-No sábado, após o almoço, era organizada na faixa de 80 metros, a “Rodada do Quilo”, em alusão ao fenômeno digestivo. Grande número de rádioamadores se reunia naquele momento para bater papo descompromissado e trocar informações sobre eletrônica e o sucesso nas novas experiências.

-Em contato com um colega do Rio de Janeiro, recebi certa ocasião uma mensagem de falecimento de um jovem que tinha em Curitiba um parente, no caso um Coronel que servia no Quartel General. Fui ao QG, na Rua Presidente Carlos Cavalcanti (atual Casa do Barão) e com cuidado, mas imaginando que o militar, pela sua condição, poderia receber a notícia de chofre, sem muitos preâmbulos, informei-o do acontecido. Ele empalideceu, apoiou-se na balaustrada e quase desfaleceu. Foi um choque também para mim que não esperava essa reação.

-Na década de quarenta, o Osticlinio Ferreira da Silva (PY-5-CG) que era pesquisador em eletrônica e telegrafista da Polícia Militar, colocou o seu transmissor na recém aberta faixa de 15 metros (21 MHz), tendo sido pois o primeiro curitibano e acredito o primeiro paranaense a desbravar essa faixa. Com cristal de 7MHz, com etapa osciladora que triplicava a frequência fundamental, atingiu os 21 MHz e pode assim se comunicar via fonia com estações de outros Estados. Entusiasmado com o fato, também instalei no transmissor uma etapa intermediária atingindo também essa faixa e assim me tornando o segundo. Para a recepção com o meu National SW-54, intercalei mais uma unidade amplificadora de RF, com uma válvula 1852 que me deu excelente recepção das estações inclusive estrangeiras. E os DX's (comunicados a longa distância) foram se acumulando. Os países dos continentes mais longínquos foram sendo atingidos, para alegria do operador. Para falar com o Japão, somente de madrugada e com a Europa, no cair da tarde. Infelizmente, pela posição do Brasil em relação à posição da Europa,

éramos muitas vezes amassados pelas estações LU da Argentina, com suas antenas dirigidas para aquele continente e cuja transmissão passava sobre o Brasil.

Nessa época a faixa de 10 metros (28 MHz), em virtude da ocorrência das manchas solares, estava praticamente inoperante. Apenas alguns rápidos e fugazes momentos permitiam a recepção e o contato com o estrangeiro que em seguida desvanecia gradualmente, fenômeno denominado de “fading”. Não havia entusiasmo nem disposição, na época, na operação naquela faixa, por essa razão. Os contatos eram perdidos frequentemente.

-O Swami Soeiro, PY-5-DX, funcionário da Transportadora “União” estabelecida na Rua Cândido Lopes, adquirira um aparelho gravador de disco e adaptara como tal, uma folha de Raios X, cuja parte sensibilizada fora retirada e assim gravava os comunicados. Era um avanço significativo, atualmente até considerado hilariante. Tenho até hoje um dos exemplares dessa gravação feita de um comunicado com ele. Tudo era precário...

-Com muito interesse fomos assistir ao filme “Se todos os homens do mundo...” que focalizava a importância da presença e desempenho do radioamador nas emergências. Mostrava um barco à deriva, com os tripulantes acometidos de escorbuto (falta de vitamina C no organismo), em virtude da alimentação a bordo ser exclusivamente constituída de produtos enlatados, sem alimentos ricos nessa vitamina. Acionado um rádio-amador este procura os meios para salvar a tripulação, obtendo êxito pelo seu empenho e dedicação Foi mais um ato desprezado e valioso do trabalho do rádio amador. Atualmente temos conhecimento de radioamadores que se disponibilizam a acompanhar “passo a passo” a navegação de barcos solitários, oferecendo apoio e até conforto.

Na tentativa de fuga dos “tubarões” (estações poderosas) das faixas de operação, era comum usarmos o “vfo” (variabel frequency oscillator ou oscilador de frequência variável) que substituíam o cristal oscilador permitindo fugir das frequências congestionadas e passear pela faixa.

A linguagem coloquial era curiosa: a esposa era “Cristal”, pois “mantinha a frequência de operação”, a filha era a “Cristalina”, “lixar o cristal era namorar”, “carvão” era o marido, “Papagaio” o conversador, “Corujar” era ficar na escuta, “Figurinha” era a estação difícil por pouca atividade ou por se localizar em país distante com poucos radioamadores, “73’s” correspondia em telegrafia a abraços, “88”, a beijos e as risadas, no caso de piadas, eram registrados, no código Morse, como Hi, Hi, Hi, ou quatro pontos seguidos de dois pontos. Para indicar algumas informações usávamos o código internacional, chamado de “Código Q”; por exemplo: QRA era o nome do operador, QTH o seu endereço, QTR, a hora local, QSY, mudar de frequência, QSO, o comunicado, QSL o rádio cartão confirmador do contato, QRM, barulhos ou perturbações na frequência, QRN, perturbações atmosféricas, QRX, espere um momento, já volto, etc.

No início da atividade rádio-amadorística, na classe “C”, somente podíamos utilizar as frequências da faixa de 80 metros, (de 3.500 a 4.000 MHz), ficando de 3.500 a 3.550 para uso exclusivo em telegrafia e o restante para fonia e na de 40 metros (7MHz) somente em telegrafia ou CW (contínuos wave). Após habilitação em exames no Departamento dos Correios e Telégrafos, a operação se estendia a todas as frequências destinadas aos Rádioamadores, conforme Convenção Internacional. Obtido aprovação no exame, era conferida permissão para operar em outras faixas de rádio. A primeira era a classe “C” (a única sem exame específico) para os principiantes, depois a classe “B”, com a possibilidade de operação em outras faixas e finalmente a classe “A”, em todas as faixas de onda permitidas. Esclareço que as transmissões

nas faixas destinadas à classe "C" tinham pouca penetração e em raríssimas oportunidades eram estabelecidos contatos internacionais e que nas faixas destinadas à classe "A" eram freqüentes os contatos internacionais pela facilidade de propagação ionosférica. As estações internacionais chegavam com intensidade nos alto-falantes dos receptores e assim era possível sucesso no contato.

Em 1957, em Guaira, acompanhei a passagem pelo território brasileiro, do "Sputnik", artefato não tripulado lançado pela Rússia e que emitia uma série de "bips". Acessando a frequência de operação pude receber os seus sinais com relativa facilidade.